

FILMES COMO FORÇAS

Se a política é uma estética, se a comunidade é o espetáculo de si, não cabe mais demandar à arte que seja o suporte de um discurso de resistência ou que seja, ao contrário, autônoma em relação a toda questão sobre o comum, centrada em torno do seu “próprio”. Mata-se a arte em ambos os casos. Porque ela é autoimune, não há um próprio da arte assim como não há uma função prévia a ela. A arte é relação, é jogo de forças, choque de tempos, ubiquidade. A operação artística, estética, não está na obra, mas nas tensões que a perpassam. Isso é o que pode a arte, sua vontade de chance ou de possibilidade: configurar-se como nova força, exigindo um rearranjo daquilo que se cristaliza, seus lugares, seus temas, sua temporalidade, seus sujeitos. O que fica evidente, nas manifestações artísticas há mais de um século, é a capacidade que a mesma obra tem de ser apropriada inclusive por discursos opostos. Cabe ao crítico fazer a obra jogar no campo da política, identificar forças, estabelecer relações entre o que é visto, o que pode ser dito, quem pode ver ou dizer, que tempos nela coincidem.

O que os filmes podem, então, é colocar corpos em cena, torná-los visíveis, fazê-los agir, tensionar a relação entre imagem e palavra, entrecruzar o que é visto com o que é dito. Não há, então, filmes de arte, filmes políticos, filmes de entretenimento. Há sim um campo de forças em cada filme singular que trabalha suas distâncias e encontros com a literatura, o teatro, a política, a história, a arte. As leituras, como aquelas escolhidas para este número do *Boletim*, é que podem identificar essas forças e fazê-las jogar em campos específicos, como os da política. O próprio cinema nos diz, afirma Jacques Rancière, em sua dialética irresolúvel, suspensa, própria das manifestações artísticas: “Eis os limites do que eu posso. O resto é com vocês.”

O presente número dedicado aos filmes vistos como forças de ordem política elege, portanto, entre “vocês”, uma série de sete intervenções críticas que começam pelo México — a violência social segundo o olhar excêntrico do

escritor-artista Mario Bellatin —, El Salvador — o etnocídio cultural de 1932 segundo o documentarista Carlos Henríquez Consalvi — e os Estados Unidos — com uma leitura do “método Michael Moore” de fazer cinema —, e chegam a Portugal — através da poesia cinematográfica de Manuel Gusmão — e ao Brasil — com uma abordagem do *Catatau* de Leminski no *Ex isto* do cineasta Cao Guimarães, além de uma leitura do filme *O jogo da vida* de Maurice Capovilla baseado no conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” de João Antônio. Como coda ou posfácio, a resenha crítica de André Zacchi ao livro de Jacques Rancière, *As distâncias do cinema* (2012), que orienta a concepção do número desde a sua chamada.

Os organizadores